



Ririro

LEIA EM QUALQUER LUGAR, A QUALQUER HORA

Rikki-Tikki-Tavi

Rudyard Kipling

De sua gruta abandonada,
O Olho-Rubro ao Pele-Pragueada
Chamou e gritou forte:
Vem para dançar com a Morte!
Olho a olho, cabeça a cabeça,

(Guarda a medida, Nag)
A dança finde quando um pereça;
(À tua vontade, Nag)
Rodopia, corrupia,
(corre e esconde-te, Nag)
Ai, a morte falharia!
(Maldito sejas, Nag!)

Vou contar a história da grande guerra que Rikki-tikki-tavi sustentou sozinho, na sala de banho dum grande bangalô do acantonamento de Segowlee. É verdade que Darzee, o passarinho-alfaiate, o ajudou, e Chuchundra, o rato mosqueado que nunca ousa caminhar pelo meio da casa e sempre passa deslizando ao longo das paredes, lhe deu um aviso. Isso, porém, foi pouco diante do muito que Rikki-tikki fez.

Era um jovem mangusto, que pela cauda e pelo peso se assemelhava a um gatinho, embora pela forma da cabeça e hábitos lembrasse uma doninha. Tinha os olhos côr-de-rosa, e também a ponta do focinho; podia coçar-se com todas as patas, as da frente e as de trás, à vontade; podia também eriçar a cauda ao jeito dos chumaços de lavar garrafa, e seu grito de guerra, quando estava em casa nos campos, era Rikki-tikk- tikki-tikki-tchek!

Certo dia as águas dum temporal de verão o arrastaram da toca, onde vivia com os pais, e o levaram, a debater-se aflitíssimo, para dentro de um valo que havia perto. Rikki agarrou-se a um tufo de ervas flutuantes e perdeu os sentidos. Quando voltou a si, estava numa rua de jardim iluminada pelo sol, com um menino na frente, que dizia: “É um mangusto morto. Vamos enterrá-lo.”

“Não”, disse a mãe. “Vamos pôr para secar, porque pode não estar bem, bem, bem morta.”

E recolheu-o dentro de casa, onde um homem o examinou e declarou que

realmente não estava morto, mas apenas afogado; envolveram-no então em flanelas e o puseram perto do fogo... e Rikki-tikki logo abriu os olhos e espirrou.

“Bravo!” exclamou o homem (era um inglês que havia alugado o bangalô muito recentemente). “Agora não o assustem e veremos o que o pobrezinho faz.”

É a coisa mais difícil do mundo assustar um mangusto, pois ele é devorado de curiosidade do nariz à cauda. O lema de toda a família dos mangustos é: “Corra e descubra”; e Rikki-tikki era um verdadeiro mangusto. Ele olhou para a lã de algodão, decidiu que não era boa para comer, correu ao redor da mesa, sentou-se e arrumou seu pelo, coçou-se e pulou no ombro do menino.

“Não tenha medo, Teddy”, disse-lhe o pai. “Esse é o modo dos mangustos mostrarem amizade.”

“Ui! Ele está me fazendo cócegas no pescoço...”



Rikki-tikki enfiou os olhos por entre a gola e o pescoço do menino, farejou-lhe as orelhas e depois veio de um salto ao chão, onde se sentou, esfregando o focinho.

“Meu Deus!” exclamou a mãe de Teddy. “Então é a isto que chamam animal selvagem? Será que compreende que somos bons para ele e mostra-se grato?”

“Todos os mangustos são assim”, disse o marido. “Se Teddy não lhe puxar a cauda, nem procurar metê-lo em gaiola, viverá em paz aqui dentro, correndo por toda a casa o dia inteiro. Vamos dar-lhe alguma coisa de comer.”

Veio um pedaço de carne crua, que Rikki-tikki achou excelente. Depois que a comeu, foi para a varanda e sentou-se ao sol, eriçando a cauda para fazê-la secar completamente. Então ele se sentiu melhor. “Há mais coisas para descobrir nesta casa”, disse a si mesmo, “do que toda a minha família poderia descobrir em toda a sua vida. Eu certamente ficarei e descobrirei”.

E começou a correr o bangalô, cômodo por cômodo. No banheiro por um tico não morreu afogado. No escritório sujou a ponta do nariz no tinteiro e o queimou na brasa do charuto, ao saltar para o colo do pai de Teddy a fim de vê-lo manejar a pena. Ao cair da noite correu para o quarto do menino para ver a criada acender o lampião, e quando Teddy foi para a cama Rikki-tikki fez o mesmo. Mas era mau companheiro, visto como se levantava cem vezes durante a noite para descobrir a causa de todos os barulhinhos. Os pais de Teddy tinham vindo dar boa noite ao filho e lá encontraram o mangusto, muito esperto, deitado no travesseiro.

“Não gosto disto”, declarou a mamãe. “Ele é capaz de mordê-lo.” “Não morde, não”, disse o pai. “Teddy está mais seguro na companhia deste animalzinho do que se estivesse com um cão de caça a guardá-lo. Se uma cobra entrasse no quarto agora...”

Mas a mãe de Teddy não queria pensar em algo tão terrível.

De manhã cedo, Rikki-tikki foi tomar o café da manhã na varanda, montado no ombro de Teddy, e eles lhe deram banana e ovo cozido; ele se sentou no colo de todos eles, um após o outro, porque todo mangusto bem-educado sempre espera ser um mangusto doméstico algum dia e ter quartos para correr, e a mãe de Rikki-tikki (ela morava na casa do general em Segowlee) havia dito cuidadosamente a Rikki o que fazer se encontrasse homens.

Em seguida, Rikki-tikki foi até o jardim para ver o que havia para ver. Era um grande jardim, cultivado apenas pela metade, com arbustos tão grandes quanto casas de verão de rosas, limoeiros e laranjeiras, touceiras de bambus e moitas de grama alta. Rikki-tikki lambeu os lábios. “Este é um esplêndido campo de caça”, disse ele, e sua cauda ficou eriçada ao pensar nisso, e ele andou para cima e para baixo no jardim, farejando aqui e ali até ouvir vozes muito tristes em um espinheiro.

Era Darzee, o pássaro alfaiate, e sua esposa. Eles fizeram um lindo ninho juntando duas folhas grandes e costurando as bordas com fibras, e encheram o buraco com algodão e penugem. O ninho balançava para um lado e para o outro, enquanto eles se sentavam na borda e choravam.

“Qual é o problema?”, perguntou Rikki-tikki.

“Estamos muito infelizes”, disse Darzee. “Um de nossos bebês caiu do ninho ontem e Nag o comeu.”

“Hm!”, disse Rikki-tikki, “isso é muito triste, mas eu sou um estranho aqui. Quem é Nag?”

Darzee e sua esposa apenas se encolheram no ninho sem responder, pois da grama espessa ao pé do arbusto veio um assobio baixo - um som frio e horrível que fez Rikki-tikki pular dois metros para trás. Então, centímetro por centímetro, da grama surgiu a cabeça e o capuz de Nag, a grande cobra preta, que tinha um metro e meio de comprimento da língua à cauda. Depois de ter levantado um terço de si mesma do chão, ficou se equilibrando para um lado e para o outro, exatamente como um dente-de-leão se equilibra ao vento, e olhou para Rikki-



tikki com os olhos perversos de cobra que nunca mudam de expressão, independentemente do que a cobra esteja pensando.

“Quem é Nag?”, disse ele. “Eu sou Nag. O grande deus Brahm colocou sua marca em todo o nosso povo quando a primeira cobra abriu seu capuz para manter o sol longe de Brahm enquanto ele dormia. Vejam e tenham medo!”

Ele estendeu o capuz mais do que nunca, e Rikki-tikki viu a marca de óculos na parte de trás do capuz, que se parece exatamente com a parte do olho de um gancho. Ele ficou com medo por um minuto, mas é impossível para um mangusto ficar assustado por muito tempo e, embora Rikki-tikki nunca tivesse encontrado uma cobra viva antes, sua mãe o havia alimentado com cobras mortas e ele sabia que o negócio de um mangusto adulto na vida era lutar e comer cobras. Nag também sabia disso e, no fundo de seu coração frio, ele estava com medo.



“Bem”, disse Rikki-tikki, e sua cauda começou a se afogar novamente, “com marcas ou sem marcas, você acha que é certo comer filhotes do ninho?”

Nag estava pensando consigo mesmo e observando o menor movimento na grama atrás de Rikki-tikki. Ele sabia que os mangustos no jardim significavam a morte, mais cedo ou mais tarde, para ele e sua família, mas ele queria tirar Rikki-tikki da guarda. Então, ele abaixou um pouco a cabeça e a colocou de lado.

“Vamos conversar”, disse ele. “Você come ovos. Por que eu não deveria comer pássaros?”

“Atrás de você! Olhe para trás!”, cantou Darzee.

Rikki-tikki sabia que não devia perder tempo olhando. Ele pulou no ar o mais alto que podia e, logo abaixo dele, passou pela cabeça de Nagaina, a perversa esposa de Nag. Ela havia se aproximado por trás dele enquanto ele falava, para acabar com ele, e ele ouviu seu assobio selvagem quando o golpe falhou. Ele desceu quase sobre as costas dela e, se fosse um velho mangusto, saberia que aquele era o momento de quebrar suas costas com uma mordida; mas ele tinha medo do terrível golpe de retorno da cobra. Ele mordeu, de fato, mas não o suficiente, e pulou para longe da cauda, deixando Nagaina dilacerada e furiosa.

“Darzee perverso, perverso!”, disse Nagaina, levantando o mais alto que podia em direção ao ninho no espinheiro; mas Darzee o havia construído fora do alcance das cobras, e ele apenas balançava de um lado para o outro. Rikki-tikki

sentiu seus olhos ficarem vermelhos e quentes (quando os olhos de um mangusto ficam vermelhos, ele está com raiva), sentou-se sobre a cauda e as patas traseiras como um pequeno canguru, olhou ao seu redor e tagarelou de raiva. Mas Nag e Nagaina haviam desaparecido na grama. Quando uma cobra erra o golpe, ela nunca diz nada ou dá qualquer sinal do que pretende fazer em seguida. Rikki-tikki não quis segui-las, pois não tinha certeza de que conseguiria lidar com duas cobras ao mesmo tempo. Assim, ele trotou até o caminho de cascalho perto da casa e sentou-se para pensar. Era um assunto sério para ele.

Se você ler os livros antigos de história natural, verá que eles dizem que quando o mangusto luta com a cobra e acaba sendo mordido, ele foge e come alguma erva que o cura. Isso não é verdade. A vitória é apenas uma questão de rapidez dos olhos e dos pés - o golpe da cobra contra o pulo do mangusto - e como nenhum olho pode acompanhar o movimento da cabeça da cobra quando ela ataca, isso torna as coisas muito mais maravilhosas do que qualquer erva mágica. Rikki-tikki sabia que era um jovem mangusto, e ficou ainda mais satisfeito ao pensar que havia conseguido escapar de um golpe por trás. Isso lhe deu confiança em si mesmo e, quando Teddy veio correndo pela trilha, Rikki-tikki estava pronto para ser acariciado.

Porém, quando Teddy estava se abaixando, algo estremeceu um pouco na poeira, e uma vozinha disse: "Cuidado. Eu sou a morte!" Era Karait, a cobra marrom empoeirada que fica na terra empoeirada, e sua mordida é tão perigosa quanto a da cobra. Mas ele é tão pequeno que ninguém pensa nele e, por isso, faz mais mal às pessoas.

Os olhos de Rikki-tikki ficaram vermelhos novamente e ele dançou até Karait com o peculiar movimento de balanço que herdara de sua família. Parece muito engraçado, mas é um andar tão perfeitamente equilibrado que você pode voar dele em qualquer ângulo que quiser; e, ao lidar com cobras, isso é uma vantagem. Se Rikki-tikki soubesse, estaria fazendo uma coisa muito mais perigosa do que lutar contra Nag, pois Karait é tão pequeno e pode se virar tão rapidamente que, a menos que Rikki o mordesse perto da nuca, ele receberia o golpe de retorno no olho ou no lábio. Mas Rikki não sabia: seus olhos estavam vermelhos e ele se balançava para frente e para trás, procurando um bom lugar para segurar. Karait bateu para fora. Rikki pulou para o lado e tentou correr para dentro, mas a perversa cabecinha cinza empoeirada o atingiu a uma fração de seu ombro, e ele teve que pular sobre o corpo, e a cabeça seguiu seus calcanhares de perto.

Teddy gritou para a casa: “Oh, vejam só! Nosso mangusto está matando uma cobra”; e Rikki-tikki ouviu um grito da mãe de Teddy. Seu pai saiu correndo com um pedaço de pau, mas, quando chegou, Karait já havia se lançado longe demais e Rikki-tikki saltou, pulou no dorso da cobra, abaixou a cabeça entre as patas dianteiras, mordeu o dorso o mais alto que pôde e saiu rolando. Essa mordida paralisou Karait, e Rikki-tikki estava prestes a comê-lo pela cauda, conforme o costume de sua família no jantar, quando se lembrou de que uma refeição completa torna o mangusto lento e, se quisesse ter toda a sua força e rapidez prontas, deveria manter-se magro.



Ele foi tomar um banho de poeira sob os arbustos de óleo de mamona, enquanto o pai de Teddy batia no Karait morto. “Qual é a utilidade disso?”, pensou Rikki-tikki. Então a mãe de Teddy o pegou da poeira e o abraçou, chorando por ter salvado Teddy da morte, e o pai de Teddy disse que ele era um protetor, e Teddy olhou para ele com grandes olhos assustados. Rikki-Tikki estava se divertindo com toda aquela confusão, que, é claro, ele não entendia. A mãe de Teddy poderia muito bem ter dado uma bronca em Teddy por ele estar brincando na poeira. Rikki estava se divertindo muito.

Naquela noite, durante o jantar, caminhando entre as taças de vinho sobre a mesa, ele poderia ter se empanturrado três vezes mais com coisas bonitas; mas ele se lembrou de Nag e Nagaina e, embora fosse muito agradável ser acariciado pela mãe de Teddy e sentar-se no ombro de Teddy, seus olhos ficavam vermelhos de vez em quando e ele começava a gritar “Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!”. Teddy o levou para a cama e insistiu para que Rikki-tikki dormisse sob seu queixo. Rikki-tikki foi muito bem criado para morder ou arranhar, mas, assim que Teddy dormiu, ele saiu para sua caminhada noturna pela casa e, no escuro, deu de cara com Chuchundra, o rato-almiscarado, rastejando pela parede. Chuchundra é um animalzinho de coração partido. Ele choraminga a noite toda, tentando se decidir se corre para o meio do cômodo, mas nunca chega lá.

“Não me mate”, disse Chuchundra, quase chorando. “Rikki-tikki, não me mate.”

“Você acha que um matador de cobras mata ratos almiscarados?”, disse Rikki-tikki com desdém.

“Aqueles que matam cobras são mortos por cobras”, disse Chuchundra, mais

triste do que nunca. “E como posso ter certeza de que Nag não vai me confundir com você em alguma noite escura?”

“Não há o menor perigo”, disse Rikki-tikki; ‘mas Nag está no jardim, e eu sei que você não vai lá’.

“Meu primo Chua, o rato, me disse...”, disse Chuchundra, e então parou.

“Te disse o quê?”

“Silêncio! Nag está em toda parte, Rikki-tikki. Você deveria ter conversado com o Chua no jardim.”

“Eu não falei - então você precisa me contar. Rápido, Chuchundra, ou eu vou morder você!”

Chuchundra se sentou e chorou até as lágrimas saírem de seus bigodes. “Sou um rato muito pobre”, ele soluçou. “Nunca tive espírito suficiente para correr para o meio da sala. Silêncio! Não devo lhe contar nada. Você não consegue ouvir, Rikki-tikki?”

Rikki-tikki escutou. A casa estava muito quieta, mas ele achava que conseguia captar o mais leve arranhão do mundo - um ruído tão fraco quanto o de uma vespa andando em uma vidraça - o arranhão seco das escamas de uma cobra na alvenaria.

“É Nag ou Nagaina”, disse ele para si mesmo, “e está rastejando para dentro do banheiro. Você tem razão, Chuchundra; eu deveria ter falado com Chua”.

Ele foi até o banheiro de Teddy, mas não havia nada lá, e depois foi até o banheiro da mãe de Teddy. Na parte inferior da parede lisa de gesso havia um tijolo arrancado para fazer uma comporta para a água do banho e, quando Rikki-tikki entrou pela calçada onde a banheira é colocada, ele ouviu Nag e Nagaina sussurrando juntos do lado de fora, ao luar.

“Quando a casa estiver vazia”, disse Nagaina ao marido, “ele terá que ir embora, e então o jardim voltará a ser nosso. Entre em silêncio e lembre-se de que o homem grande que matou Karait é o primeiro a morder. Depois, saia e me conte, e vamos caçar o Rikki-tikki juntos”.

“Mas você tem certeza de que há algo a ganhar matando as pessoas?”, disse Nag.

“Tudo. Quando não havia pessoas no bangalô, havia algum mangusto no jardim? Enquanto o bangalô estiver vazio, somos o rei e a rainha do jardim; e lembre-se de que, assim que nossos ovos no canteiro de melões eclodirem (como pode acontecer amanhã), nossos filhos precisarão de espaço e tranquilidade.”

“Eu não tinha pensado nisso”, disse Nag. “Eu irei, mas não há necessidade de

caçarmos o Rikki-tikki depois. Matarei o homem grande, sua esposa e a criança, se puder, e irei embora em silêncio. Então, o bangalô ficará vazio e Rikki-tikki irá embora”.

Rikki-tikki ficou todo arrepiado de raiva e ódio com isso e, então, a cabeça de Nag passou pela comporta e seu corpo frio de um metro e oitenta seguiu-a. Por mais furioso que estivesse, Rikki-tikki ficou muito assustado ao ver o tamanho da grande cobra. Nag se enroscou, levantou a cabeça e olhou para a sala de banho no escuro, e Rikki pôde ver seus olhos brilharem.

“Agora, se eu o matar aqui, Nagaina saberá; e se eu lutar com ele no chão aberto, as chances estarão a seu favor. O que devo fazer?”, disse Rikki-tikki-tavi.

Nag acenou para um lado e para o outro, e então Rikki-tikki o ouviu bebendo do maior jarro de água que era usado para encher a banheira. “Isso é bom”, disse a cobra. “Agora, quando Karait foi morto, o homem grande tinha uma vara. Ele ainda pode ter essa vara, mas quando vier tomar banho pela manhã, não terá uma vara. Vou esperar aqui até que ele chegue. Nagaina - está me ouvindo? - Vou esperar aqui no frio até o dia amanhecer”.

Como não houve resposta do lado de fora, Rikki-tikki sabia que Nagaina tinha ido embora. Nag se enrolou, em torno da protuberância no fundo do pote de água, e Rikki-tikki permaneceu imóvel como a morte. Depois de uma hora, ele começou a se mover, músculo por músculo, em direção ao pote. Nag estava dormindo, e Rikki-tikki olhou para suas costas grandes, imaginando qual seria o melhor lugar para uma boa pegada. “Se eu não quebrar suas costas no primeiro salto”, disse Rikki, “ele ainda pode lutar; e se ele lutar - Oh, Rikki!” Ele olhou para a espessura do pescoço abaixo do capuz, mas isso era demais para ele; e uma mordida perto da cauda só tornaria Nag selvagem.

“Tem que ser a cabeça”, disse ele por fim; ‘a cabeça acima do capuz; e, quando eu estiver lá, não posso soltar’. Então ele pulou. A cabeça estava um pouco afastada do frasco de água, sob sua curva; e, quando seus dentes se encontraram, Rikki apoiou suas costas contra a protuberância da louça vermelha para segurar a cabeça. Isso lhe deu apenas um segundo de vantagem, e ele aproveitou ao máximo. Então, ele foi sacudido de um lado para o outro como um rato é sacudido por um cachorro - de um lado para o outro no chão, para cima e para baixo, e em grandes círculos; mas seus olhos estavam vermelhos, e ele se manteve firme enquanto o corpo rodopiava pelo chão, revirando a concha de lata, o prato de sabão e a escova de carne, e batendo contra a lateral de lata da banheira. Enquanto se segurava, fechava cada vez mais as mandíbulas, pois tinha certeza de que seria espancado até a morte e, pela honra de sua família, preferia ser encontrado com os dentes travados. Ele estava tonto, dolorido e se sentia abalado quando algo soou como um trovão logo atrás dele; um vento quente o deixou sem sentidos e um fogo vermelho chamuscou seu pelo. O

homem grande havia acordado com o barulho e disparou os dois canos de uma espingarda contra Nag, logo atrás do capuz.

Rikki-tikki se segurou com os olhos fechados, pois agora tinha certeza de que estava morto; mas a cabeça não se moveu, e o homem grande o pegou e disse: “É o mangusto de novo, Alice; o pequeno amigo salvou nossas vidas agora”. Então, a mãe de Teddy chegou com o rosto muito branco e viu o que restava de Nag, e Rikki-tikki se arrastou até o quarto de Teddy e passou metade do resto da noite se sacudindo com ternura para descobrir se ele realmente estava quebrado em quarenta pedaços.



Quando amanheceu, ele estava muito rígido, mas satisfeito com o que havia feito. “Agora tenho que acertar as contas com a Nagaina, e ela será pior do que cinco Nags, e não há como saber quando os ovos de que ela falou irão eclodir. Meu Deus! Preciso ir ver Darzee”, disse ele.

Sem esperar pelo café da manhã, Rikki-tikki correu para o arbusto de espinhos onde Darzee cantava uma canção de triunfo com toda a força de sua voz. A notícia da morte de Nag estava espalhada por todo o jardim, pois o homem havia jogado o corpo na pilha de lixo.

“Oh, seu estúpido tufo de penas!”, disse Rikki-tikki, com raiva. “É hora de cantar?”

“Nag está morto - está morto - está morto!”, cantou Darzee. “O valente Rikki-tikki o pegou pela cabeça e o segurou. O homem grande trouxe o bastão e Nag caiu em dois pedaços! Ele nunca mais comerá meus bebês”.

“Tudo isso é verdade; mas onde está Nagaina?”, disse Rikki-tikki, olhando cuidadosamente ao seu redor.

“Nagaina foi até a comporta do banheiro e chamou por Nag”, continuou Darzee; “e Nag saiu na ponta de uma vara - o varredor o pegou na ponta de uma vara e o jogou na pilha de lixo. Vamos cantar sobre o grande Rikki-tikki de olhos vermelhos!” E Darzee encheu a garganta e cantou.

“Se eu pudesse chegar ao seu ninho, rolaria todos os seus bebês para fora!”, disse Rikki-tikki. “Você não sabe quando fazer a coisa certa na hora certa. Você está bastante seguro em seu ninho, mas aqui embaixo é uma guerra para mim. Pare de cantar um minuto, Darzee”.

“Pelo bem do grande e belo Rikki-tikki, vou parar”, disse Darzee. “O que é isso, ó

assassino do terrível Nag?”

“Onde está Nagaina, pela terceira vez?”

“Na pilha de lixo perto dos estábulos, chorando por Nag. Grande é o Rikki-tikki com os dentes brancos.”

“Que se danem meus dentes brancos! Você já ouviu falar onde ela guarda seus ovos?”

“No canteiro de melões, na extremidade mais próxima da parede, onde o sol incide quase o dia todo. Ela os colocou lá há semanas.”

“E você nunca achou que valeria a pena me contar? A extremidade mais próxima da parede, você disse?”

“Rikki-tikki, você não vai comer os ovos dela?”

“Darzee, se você tiver um pouco de bom senso, vai voar até os estábulos e fingir que sua asa está quebrada, e deixar que Nagaina o afugente para este arbusto? Preciso chegar ao canteiro de melões e, se eu fosse até lá agora, ela me veria.” Darzee era um pequeno cérebro de pena que nunca conseguia manter mais de uma ideia ao mesmo tempo em sua cabeça; e só porque sabia que os filhos de Nagaina nasciam em ovos como os seus, ele não achou justo matá-los. Mas sua esposa era um pássaro sensato e sabia que os ovos de cobra significavam cobras jovens mais tarde; assim, ela saiu voando do ninho e deixou Darzee para manter os bebês aquecidos e continuar sua canção sobre a morte de Nag. Darzee era muito parecido com um homem em alguns aspectos.

Ela voou para a frente de Nagaina, perto da pilha de lixo, e gritou: “Oh, minha asa está quebrada! O menino da casa jogou uma pedra em mim e a quebrou”. Então, ela se agitou mais desesperadamente do que nunca.

Nagaina levantou a cabeça e sibilou: “Você avisou Rikki-tikki quando eu o teria matado. De fato e de verdade, você escolheu um lugar ruim para ser coxo”. E ela se aproximou da esposa de Darzee, deslizando sobre a poeira.

“O menino a quebrou com uma pedra!”, gritou a esposa de Darzee.

“Bem! Talvez seja um consolo para a senhora quando morrer saber que vou acertar as contas com o menino. Meu marido está deitado na pilha de lixo esta manhã, mas antes da noite o menino da casa ficará muito quieto. Qual é a vantagem de fugir? Tenho certeza de que vou pegá-lo. Sua tola, olhe para mim!”

A esposa de Darzee sabia que não deveria fazer isso, pois um pássaro que olha para os olhos de uma cobra fica tão assustado que não consegue se mover. A esposa de Darzee continuou voando, cantando pesarosamente, sem sair do chão, e Nagaina acelerou.

Rikki-tikki as ouviu subindo o caminho dos estábulos e correu para o final do canteiro de melões, perto do muro. Lá, no ninho quente ao redor dos melões, muito bem escondido, ele encontrou 25 ovos, mais ou menos do tamanho de um ovo de galinha, mas com a pele esbranquiçada em vez da casca.

Ele disse: “Não foi cedo demais”, pois podia ver os bebês cobras enrolados dentro da pele e sabia que, no minuto em que eclodissem, cada um deles poderia matar um homem ou um mangusto. Ele arrancou a parte de cima dos ovos o mais rápido que pôde, tomando cuidado para esmagar as cobras jovens, e de vez em quando virava a ninhada para ver se havia perdido algum. Por fim, restavam apenas três ovos, e Rikki-tikki começou a rir para si mesmo, quando ouviu a esposa de Darzee gritar: “Rikki-tikki, eu levei Nagaina até a casa, mas ela foi para a varanda e - oh, venha depressa - ela quer matar!”

Rikki-tikki quebrou dois ovos, caiu de costas no canteiro de melões com o terceiro ovo na boca e correu para a varanda com toda a força que tinha para colocar os pés no chão. Teddy, sua mãe e seu pai estavam lá no café da manhã, mas Rikki-tikki viu que eles não estavam comendo nada. Estavam sentados, imóveis, e seus rostos estavam brancos. Nagaina estava enroscada no tapete ao lado da cadeira de Teddy, a uma curta distância da perna nua de Teddy, e balançava de um lado para o outro cantando uma canção de triunfo.

“Filho do homem grande que matou Nag”, ela sibilou, “fique quieto. Ainda não estou pronta. Esperem um pouco. Fiquem bem quietos, vocês três. Se vocês se mexerem, eu ataco, e se não se mexerem, eu ataco. Oh, povo tolo, que matou meu Nag!”

Os olhos de Teddy estavam fixos em seu pai, e tudo o que seu pai pôde fazer foi sussurrar: “Fique quieto, Teddy. Você não deve se mexer. Teddy, fique quieto”.

Então, Rikki-tikki se aproximou e gritou: “Vire-se, Nagaina; vire-se e lute!”

“Tudo a seu tempo”, disse ela, sem mover os olhos. “Vou acertar minhas contas com você em breve. Olhe para seus amigos, Rikki-tikki. Eles estão parados e brancos; estão com medo. Não ousam se mexer e, se você se aproximar, eu ataco.”

“Olhe para seus ovos”, disse Rikki-tikki, “no canteiro de melões perto da parede. Vá e olhe, Nagaina”.

A cobra grande deu meia volta e viu o ovo na varanda. “Ahh! Dê para mim”, disse ela.

Rikki-tikki colocou as patas uma de cada lado do ovo e seus olhos estavam vermelhos de sangue. “Qual o preço de um ovo de cobra? Por uma cobra jovem? Por uma jovem cobra-rei? Pelo último, o último da ninhada? As formigas estão comendo todos os outros no canteiro de melões.”

Nagaina girou, esquecendo-se de tudo por causa do único ovo; e Rikki-tikki viu o pai de Teddy estender uma grande mão, pegar Teddy pelo ombro e arrastá-lo pela mesinha com as xícaras de chá, a salvo e fora do alcance de Nagaina.

“Te enganei! Te enganei! Te enganei! Rikk-tck-tck!”, riu Rikki-tikki. “O menino está a salvo, e fui eu, eu, eu que peguei o Nag pelo capuz ontem à noite no banheiro.” Então ele começou a pular para cima e para baixo, com os quatro pés juntos, a cabeça perto do chão. “Ele me jogou de um lado para o outro, mas não conseguiu se livrar de mim. Ele estava morto antes que o homem grande o explodisse em dois. Eu fiz isso. Rikki-tikki-tck-tck! Venha então, Nagaina. Venha e lute comigo. Você não ficará viúva por muito tempo”.

Nagaina viu que havia perdido a chance de matar Teddy, e o ovo estava entre as patas de Rikki-tikki. “Dê-me o ovo, Rikki-tikki. Dê-me o último dos meus ovos e eu irei embora e nunca mais voltarei”, disse ela, baixando o capuz.



“Sim, você irá embora e nunca mais voltará, pois irá para a pilha de lixo com Nag. Lute, viúva! O homem grande foi buscar sua arma! Lute!” Rikki-tikki estava correndo ao redor de Nagaina, mantendo-se fora do alcance de seu golpe, com seus olhinhos como brasas. Nagaina se recompôs e se lançou contra ele. Rikki-tikki pulou para cima e para trás. Ela atacou de novo e de novo e de novo, e a cada vez sua cabeça batia com força no tapete da varanda e ela se recompunha como uma mola de relógio. Então, Rikki-tikki dançou em círculo para ficar atrás dela, e Nagaina girou para manter a cabeça dela perto da cabeça dele, de modo que o farfalhar de sua cauda no tapete soava como folhas secas sopradas pelo vento.

Ele havia esquecido o ovo. Ele ainda estava na varanda, e Nagaina se aproximava cada vez mais dele, até que, finalmente, enquanto Rikki-tikki respirava, ela o pegou com a boca, virou-se para os degraus da varanda e disparou como uma flecha pelo caminho, com Rikki-tikki logo atrás. Quando a cobra corre para salvar sua vida, ela vai como um chicote estalando no pescoço de um cavalo.

Rikki-tikki sabia que precisava alcançá-la, ou todo o problema começaria de novo. Ela foi direto para a grama alta ao lado do arbusto espinhoso, e enquanto ele corria, Rikki-tikki ouviu Darzee ainda cantando sua pequena e tola canção de triunfo. Mas a esposa de Darzee era mais sábia. Ela voou para fora do ninho quando Nagaina passou, e bateu suas asas ao redor da cabeça de Nagaina. Se Darzee tivesse ajudado, eles poderiam tê-la desviado; mas Nagaina apenas abaixou o capelo e seguiu em frente. Ainda assim, o breve atraso deu tempo para Rikki-tikki alcançá-la, e quando ela se lançou para dentro do buraco dos

ratos onde ela e Nag costumavam viver, seus pequenos dentes brancos se cravaram no rabo dela, e ele foi junto com ela — e pouquíssimos mangustos, por mais sábios e velhos que sejam, ousam seguir uma cobra para dentro de seu buraco. O buraco era escuro; e Rikki-tikki não sabia quando poderia se abrir e dar espaço para Nagaina virar e atacá-lo. Ele segurou firmemente, e esticou as patas para servir de freio na encosta escura da terra quente e úmida.

Então a grama na entrada do buraco parou de balançar, e Darzee disse: "Está tudo acabado para Rikki-tikki! Devemos cantar sua canção de morte. O valente Rikki-tikki está morto! Pois Nagaina certamente o matará lá embaixo."

Assim, ele cantou uma canção muito triste que inventou no calor do momento, e justo quando chegou à parte mais comovente, a grama tremeu novamente, e Rikki-tikki, coberto de terra, se arrastou para fora do buraco, perna por perna, lambendo os bigodes. Darzee parou com um grito curto. Rikki-tikki sacudiu um pouco da poeira de sua pele e espirrou. "Acabou," ele disse. "A viúva nunca sairá de novo." E as formigas vermelhas que vivem entre os caules de grama o ouviram, e começaram a descer uma a uma para ver se ele falava a verdade.

Rikki-tikki enrolou-se na grama e dormiu onde estava — dormiu e dormiu até tarde da tarde, pois ele havia trabalhado duro o dia todo.

"Agora," ele disse, quando acordou, "vou voltar para a casa. Diga ao Coppersmith, Darzee, e ele contará ao jardim que Nagaina está morta." O Coppersmith é um pássaro que faz um som exatamente como o de um pequeno martelo batendo em um pote de cobre; e a razão pela qual ele está sempre fazendo isso é porque ele é o arauto de todo jardim, e conta todas as notícias para quem quiser ouvir. Quando Rikki-tikki subiu o caminho, ele ouviu suas notas de "atenção", como um pequeno gongo de jantar; e então o constante "Ding-dong-tock! Nag está morto—dong! Nagaina está morta! Ding-dong-tock!" Isso fez todos os pássaros do jardim cantarem, e os sapos coaxarem; pois Nag e Nagaina costumavam comer sapos e também passarinhos.

Quando Rikki chegou à casa, Teddy e a mãe de Teddy (que ainda estava muito pálida, pois havia desmaiado) e o pai de Teddy saíram e quase choraram por ele; e naquela noite ele comeu tudo o que lhe foi dado até não conseguir comer mais, e foi dormir no ombro de Teddy, onde a mãe de Teddy o viu quando veio espiar tarde da noite.

"Ele salvou nossas vidas e a vida de Teddy," ela disse ao marido. "Só de pensar, ele salvou todas as nossas vidas."

Rikki-tikki acordou com um salto, pois todos os mangustos têm sono leve.

"Ah, é você," disse ele. "Por que está se incomodando? Todas as cobras estão mortas; e se não estivessem, eu estou aqui."

Rikki-tikki tinha todo o direito de estar orgulhoso de si mesmo; mas ele não ficou arrogante demais, e manteve aquele jardim como um mangusto deve manter, com dentes, saltos e mordidas, até que nenhuma cobra ousasse mostrar a cabeça dentro dos muros.

As histórias nos ajudam a explorar culturas, aprender lições de moral, nos conectar com a natureza — ou simplesmente nos divertir. Por isso o ririro.com oferece mais de 3.000 histórias gratuitas — contos de fadas, fábulas, histórias para dormir, mitos e muito mais — para todas as idades, em 13 idiomas, com PDFs imprimíveis gratuitos e muitas vezes áudio. Ler deveria ser um direito, não um privilégio. Compartilhe o ririro.com e espalhe a alegria da leitura.

Instagram: [@ririro_reading](https://www.instagram.com/ririro_reading) · Pinterest: pinterest.com/ririrocom